

FH diz que não há desenvolvimento sem estabilidade

Presidente diz que a opinião do Governo é a do ministro Pedro Malan e tenta encerrar a discussão sobre desenvolvimento

Adriana Vasconcelos,
Roberto Machado e Marcelo Aguiar

• BRASÍLIA e RIO. O presidente Fernando Henrique Cardoso tentou ontem botar um ponto final na discussão sobre o aumento do poder dos desenvolvimentistas no Governo, alimentada por declarações do ex-ministro das Comunicações e agora um dos vice-presidentes do PSDB, Luiz Carlos Mendonça de Barros e do atual ministro das Comunicações Pimenta da Veiga. Por intermédio de seu porta-voz Georges Lamazière, o presidente ressaltou que não há desenvolvimento sem estabilidade e que essa discussão tem pouca utilidade. O presidente ainda fez questão de reiterar seu apoio ao ministro da Fazenda, Pedro Malan, um dos principais alvos dos desenvolvimentistas.

— A opinião do Governo já foi expressa pelo ministro Malan — afirmou o porta-voz.

Bresser ataca Malan e diz que país não pode se endividar

Na véspera, durante pronunciamento feito no 11º Fórum Nacional, Malan criticou o que classificou de "debate desfocado entre desenvolvimentistas e não desenvolvimentistas". Para o ministro, essa discussão é equivocada porque o desenvolvimento é o objetivo de toda política econômica. Fernando Henrique mandou dizer à imprensa que está plenamente de acordo com Malan e, segundo Lamazière, considera que a estabilidade a base para o desenvolvimento.

Um ministro do PSDB habitual-

mente muito próximo ao presidente, entretanto, voltou a tocar fogo no debate, ao defender a linha dos desenvolvimentistas liderada por Mendonça de Barros. O ministro da Ciência e Tecnologia, Luiz Carlos Bresser Pereira, fez duras críticas ao endividamento externo do Brasil, resultante da política conduzida por Malan e defendida um dia antes pelo próprio ministro da Fazenda e pelo presidente do Banco Central, Arminio Fraga.

Bresser, falando pela manhã no seminário internacional "Governança global", promovido no Rio pela Fundação Getúlio Vargas e pelo instituto Konrad Adenauer, sustentou que o país não pode depender de capitais estrangeiros, sob o risco de novas crises, e deve contar principalmente com o capital nacional para financiar o seu desenvolvimento.

— Os países emergentes devem se desenvolver com os seus próprios capitais. A melhor forma de se defender da volatilidade dos capitais é não se endividar. Esse será o melhor caminho para o Brasil retomar o desenvolvimento — disse Bresser.

Ministro diz que países ricos estimulam o endividamento

A crítica ao excessivo endividamento externo é outra farpa endereçada aos condutores da atual política econômica. Anteontem, o Governo divulgou o resultado das contas públicas em abril, quando pagou US\$ 12,7 bilhões de dívida externa. Bresser disse ainda que o consenso neoliberal acabou em fins dos anos 80 nos países desenvolvidos e que a globalização



FERNANDO HENRIQUE Cardoso disse, por meio de seu porta-voz, que a estabilidade é a base para o desenvolvimento

é uma ideologia que favorece os países mais ricos:

— Os países desenvolvidos têm capitais excedentes, precisam exportar recursos e fazem isso cobrando juros altos dos países em desenvolvimento. Para eles, a globalização é só um produto de exportação.

Mas a opinião de Bresser não é unânime. Na sessão da tarde, o presidente do Dresdner Bank Brasil, Winston Fritsch, ex-secretário de política econômica, disse que vê com preocupação a retomada do discurso desenvolvimentista:

— Desenvolvimento não é um bom discurso de governo. Não dá

pra ficar discutindo isso sem bases sólidas de sustentação, que só virá com o ajuste fiscal. O Governo não pode perder a oportunidade de fazer as reformas.

O economista Ilan Goldfajn, que trabalhou no Fundo Monetário Internacional e hoje é professor da PUC, concorda. Segundo

ele, o discurso desenvolvimentista pode adiar o esforço fiscal:

— A situação está melhor, mas para falar em desenvolvimento precisamos completar o ciclo da estabilização. Podem reclamar, mas o fato é que a gente ainda depende de capital externo.

Pastore diz que é possível crescer sem gerar inflação.

O ex-presidente do Banco Central Affonso Celso Pastore entrou no debate sobre modelos de desenvolvimento ontem, no Fórum Nacional, ao dizer que o país pode crescer sem gerar pressão inflacionária. Mas isso só ocorre, segundo ele, quando a economia cresce sem ultrapassar o chamado produto potencial, no jargão dos economistas.

O produto potencial, explicou, é o nível máximo em que a produção de bens e de serviços se expande sem gerar pressão sobre os preços. À medida em que os ajustes e reformas forem sendo feitos na economia, segundo Pastore, o produto potencial cresce e o país ganha espaço para crescer sem aumentar a inflação.

Sem isso, Pastore diz que é irresponsável falar em reduzir os juros.

— Qualquer programa de baixar os juros para estimular o crescimento, que não considere esse ponto de vista faz a inflação voltar com certeza — disse.

A guatemalteca Rigoberta Manchú, ganhadora do Nobel da Paz, estimulou ontem as mulheres a se unirem contra a globalização da indústria e do capital. O processo, segundo ela, está destruindo as sociedades. ■

Jorge William